

A capacidade de representar-se no mundo contemporâneo e a idéia de construção da humanidade: utopias crepitantes no pensamento de Milton Santos

Iralene S. Araújo

Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP

iralenearaujo@terra.com.br

Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá,
(2007, Brasil, 89 minutos)

Realizador: Silvio Tendler

Roteiro: Cláudio Bojunga, Silvio Tendler, André Alvarenga, Daniel Tendler, Ecatherina Brasileiro e Miguel Lindenberg

Distribuição: Caliban Produções Cinematográficas Ltda.

Música: Caíque Botkay

Edição: Bernardo Pimenta

Entrevistados: Milton Santos, José Saramago, Paul Claval, Maria Adélia Aparecida de Souza, Maria Auxiliadora, Roberto Lobato Corrêa, Manoel Correia de Andrade, Carlos Walter Porto-Gonçalves, Manoel Lemes, Ana Fernandes, Boaventura Souza Santos, Noam Chomsky, Eduardo Galeano, Boubacar Diop, Adieley Queiroz, Carlos Pronzato, Aílton Krenak.

O Personagem

O geógrafo Milton Santos (1926-2001), nascido na pequena Brotas de Macaúbas, encravada na Chapada Diamantina, interior da Bahia, Brasil, foi atraído pelo trânsito de populações e de idéias. Inserido no movimento do mundo, tornou-se um desses cidadãos cuja combinação de curiosidade, circunstâncias de vida, sensibilidade e conhecimento o

dotaram de privilegiada clarividência, expressa por aguçada capacidade de comunicação.

Ganhou a estrada, conheceu o mundo, superou as expectativas então reservadas a um neto de escravos e filho de professores. Doutorou-se em geografia, foi agraciado com o título de doutor *honoris causa* por treze universidades, maioria estrangeira. Tornou-se o único brasileiro a receber o prêmio Vautrin Lud, uma espécie de Nobel de Geografia. Seu currículo ostenta mais de quarenta livros e trezentos artigos publicados.

Santos moldou a sua trajetória tendo como referência um projeto utópico, pensamento no qual há espaço para a reação popular. Tornou-se respeitado intelectual, condição que, fora de situações de evidência, ele próprio classificou como tão difícil quanto a de ser negro no Brasil. Optou, segundo suas próprias palavras, por se manter desvinculado de dogmas e agremiações – um *outsider*, enfim. Tornou-se personagem! O homem Milton Santos morreu no dia 24 de Junho de 2001, aos setenta e cinco anos.

O Filme

O pensamento do personagem acima descrito é protagonista do documentário *Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá*, no qual o diretor Silvio Tendler tematiza a globalização numa perspectiva crítica e sob a ótica daqueles que pertencem e atuam na periferia do mundo ou que a têm como objeto de reflexão. Na montagem do dispositivo utilizou-se dos discursos de contraposição para marcar as diferenças de posição e os absurdos e ironias de argumentação. O maior trunfo do filme consiste em expor a lógica perversa patrocinada pelas grandes corporações e evidenciar como uma minoria abastada manipula recursos naturais, econômicos e humanos em proveito próprio e em detrimento da maioria da população.

O formato escolhido por Tendler para abordar tais questões pode ser considerado clássico por uns e convencional demais por outros. O que ninguém pode deixar de admitir é que não faz nenhuma questão de camuflar o seu tom perceptivelmente didático. Por outro lado, também não se exime de veicular imagens e falas dos sujeitos periféricos. Marca, assim, uma perspectiva diferente em comparação com a abordagem

nas representações que tratam as questões sociais a partir do ponto de vista institucional ou da maneira como estas questões são tratadas pelas agências de notícias ou, ainda, nas representações produzidas com o patrocínio de grandes corporações.

O referido tom didático não chega a desmerecer o filme, estruturado a partir de blocos temáticos que mesclam entrevistas, depoimentos, pronunciamentos, fragmentos de outros filmes, imagens de arquivo, ilustrações e fotografias de variadas fontes e textos do próprio personagem, costurados por narração *off* nas vozes de Beth Goulart, Osmar Prado, Matheus Nachtergaele, Milton Gonçalves e Fernanda Montenegro. A própria escolha de figuras *globais*¹ como narradores também não foi gratuita. Trouxe implícita a garantia de um atrativo a mais para o público brasileiro. Contraditório? Estratégico? Não necessariamente condenável, embora cause a impressão de que a qualquer momento ouviremos o indissociável *plim-plim*, marca registrada da rede de televisão brasileira líder de audiência.

O personagem-título atua como *talking head* principal, cujas declarações são quase sempre reforçadas por depoimentos seqüenciais de *talkigs heads* coadjuvantes no filme ou atores-sociais afinados com as suas idéias, mesmo que adotem uma linha de argumentação diferenciada. Algumas vezes, como no caso da seqüência protagonizada por José Saramago, a afinidade de pensamento com Santos é tal que pode até gerar uma impressão de combinação. Apesar da apresentação generosa que se faz do personagem Santos, são as suas idéias que estão em destaque no documentário.

No filme, parte-se do pressuposto que, embora seja uma denominação recente, a globalização não é fato novo. Primeiro tal globalização caracterizou-se pela ocidentalização dos territórios e depois evoluiu para a fragmentação dos mesmos. Prega-se na atualidade o fim do Estado forte, argumento conveniente quando se deseja manter países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento sob controle.

Observa-se, porém, que a dinâmica da economia globalizada vem aprofundando o seu caráter perverso, respaldado pela orquestração de organismos internacionais, consensos e fóruns que, muitas vezes, são patrocinados por corporações que se movem por interesses de mercado

¹ Substantivo utilizado aqui com o sentido daquilo relacionado ou pertencente à Rede Globo de Televisão.

e por predatória lógica do capital. A esta circunstância, Milton Santos denomina *globalitarismo*.

Nesse quadro, as referidas corporações espraíam-se por diferentes nações e têm o capital como único vínculo. O enfraquecimento da noção de Estado resulta em “espécie de centro fraco do mundo” (Tendler, 2007). Neste contexto há espaço para “ações sem responsabilidade social e moral” (*idem*) que, por sua vez, desorganizam “os territórios social e moralmente” (*idem*).

Tal lógica, ao mesmo tempo em que estimula relações marcadas pelo consumo, também revela uma ideologia que considera natural a disparidade de oportunidades, de apropriação de riquezas e dos modos de produção por poucos. O receituário violento prescrito pelo Consenso de Washington resulta de posturas ideológicas muito bem definidas. Ele é sinônimo do neoliberalismo capitaneado pelos Estados Unidos, que utiliza o refinanciamento da dívida dos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento ao custo de promover a abertura ao livre trânsito de mercadorias nestas economias e do enfraquecimento de seus Estados.

No filme, a mídia é encarada como um dos mecanismos de garantia da referida lógica na medida que homogeneiza os pontos de vista e controla os conteúdos veiculados por meio de distribuição padrão. Ele revela como seis corporações comunicacionais, por meio de suas agências, respondem por noventa por cento dos conteúdos veiculados no mundo. Há, desta maneira, uma limitação de fontes e de pontos de vista, o que contradiz a propalada democratização da informação. Os clientes das agências de notícias repetem, de “maneira servil” (*idem*) as “mesmas fotos, mesmas notícias” (*idem*).

Além das fontes serem limitadas, são limitadas também as temáticas abordadas na medida que as agências habitualmente veiculam os mesmos temas a um só tempo. Observa-se, assim, o excesso do mesmo, exaustivamente espetacularizado e que finda por se tornar vazio de sentido, embora possamos, hipnotizados, consumir o que as mídias veiculam e experimentar a sensação de estarmos bem informados.

Para Santos, o humanismo foi substituído pela cultura de consumo. Este último ele reputa ser o grande fundamentalismo da contemporaneidade. Constata-se que “não há produção excessiva de informação, mas de ruídos, repetição excessiva, análise conforme interesses pré-determinados. A informação, o grande instrumento do processo de

globalitarismo, é manejada por pequenos grupos de forma inteligente” (*idem*).

Para Santos, “há uma demanda explosiva que vem de baixo” (*idem*) e que, com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e de produção audiovisual, torna possível prever formas de reação das classes populares, não mais nos moldes das guerrilhas armadas. De posse de uma microcâmera é possível produzir informação alternativa que lançada na grande rede nos permite mobilizar gente do mundo inteiro. Tais recursos também permitem, “sem abandonar o que a gente é, que a gente seja universal” (*idem*).

Ressalta que “reclamamos contra os totalitarismos e caímos num totalitarismo *standard*, mesmo modelo e bula” (*idem*). Ele afirma que “hoje, com uma pequena aparelhagem também se faz opinião, se produz coisas centrais na evolução da história” (*idem*). E o que é central na vida dos indivíduos muitas vezes é retratar seu cotidiano, abrir flancos para se verem representados nas telas, construir formas de solidariedade com expressão social e política. “Há possibilidade, cada vez mais forte da revanche da cultura popular [...] por meio do discurso dos oprimidos”. Para ele, “o grande desafio, para não sermos uma caricatura, é oferecer um mundo diferente” (*idem*).

A reação das classes populares é ainda um processo em aberto porque “não descobrimos as formas de pensar este mundo novo a partir de nós próprios” (*idem*). Santos prognostica que “há um vulcão crepitando e não temos as antenas para captar o mecanismo intelectual das novas formas de manifestação. [...] Os movimentos populares buscam uma globalização solidária” (*idem*). Ele, porém ressalta que “não vão ser as ONGs e o terceiro setor a promover mudança” (*idem*). Na sua concepção, “o terceiro setor não é abarcativo. A produção democrática tem que partir do Estado. Ele se torna indispensável porque as fontes de desigualdade e diferenças são mais fortes hoje” (*idem*).

Para o pensador, no contexto contemporâneo não se discute a democracia. “A *democracia* em que vivemos é seqüestrada, amputada, condicionada. As grandes decisões são tomadas no âmbito das grandes organizações financeiras não democráticas. Os que governam o mundo não são eleitos democraticamente. [...] A representatividade, transparência e coerência perdeu a força” (*idem*).

A construção de uma idéia e prática de humanidade que contraponha o globalitarismo é, para Milton Santos, uma globalização solidária que se coloca como a grande utopia para o século XXI. Para ele, “hoje fazemos ensaios do que será a humanidade” (*idem*).